Um discurso na ocasião da morte do presidente Lincoln

Proferido pelo reverendo A. G. Simonton em um culto especial e sagrado acontecido em 21 de maio de 1865 e publicado a pedido dos americanos residentes no Rio de Janeiro.

“Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia. Pelo que não temeremos, ainda que a terra se mude, e ainda que os montes se projetem para o meio dos mares; ainda que as águas rujam e espumem, ainda que os montes se abalem pela sua braveza.” (Salmos 46.1-3)

Quando o coração é despertado em seu âmago por qualquer emoção pujante, seja de alegria ou tristeza, suas compaixões e apegos são revelados. Todos os vínculos artificiais ou amizades sem valor são ignorados e só assim os laços da natureza e afinidade verdadeira são reconhecidos. É nessas horas que um homem aprende a conhecer a si mesmo e a seus amigos verdadeiros. Se for uma tristeza ou alegria confidencial e particular, ela será livremente transmitida ao coração daquele que está mais próximo de quem está sofrendo ou se regozijando. Nenhum amigo insensível será requisitado para compartilhá-la. Um coração intensamente exercitado por uma emoção profunda é dotado de um instinto quase infalível em sua busca por compaixão verdadeira. Quando todos os corações são permeados por uma grande emoção ou interesse, o intermédio da linguagem quase não é necessário para se estabelecer um intercâmbio de pensamentos e sentimentos. Quando essa verdadeira comunhão de sentimentos é insatisfatória, nenhuma habilidade linguística pode ocultar o fato. Se a tristeza ou a alegria for de caráter nacional, a forte atração desse laço singular, que une em uma nacionalidade milhões de indivíduos de diferentes naturezas e gostos será sentida — um laço tão verdadeiro entre homens que sinceramente amam seu país quanto a afeição entre pais e filhos, numa família onde o amor reina tanto no coração dos pais quanto dos filhos.

Meus compatriotas, em meu entendimento, esse é o verdadeiro significado de nosso encontro hoje. O sentimento ou instinto de nacionalidade está profundamente desperto e nos reunimos para dar vazão a emoções comuns a todos nós. A escolha desse lugar e hora, e o pedido para que lhes falasse deste púlpito é um reconhecimento distinto da mão de Deus no que tem acontecido a nós como nação e uma expressão do nosso desejo

de buscar em Deus tudo o que precisamos como indivíduos e como parte da nação. Isso por si só é um bom presságio. Ninguém que tenha uma concepção apropriada da importância ligada aos eventos que agora se tornam públicos nos Estados Unidos e que observe o quanto os maiores interesses frequentemente dependem da ação da vontade de um único líder pode deixar de enxergar a gravidade das notícias espantosas que têm nos alcançado, e de reconhecer que nada pode ser mais apropriado do que buscarmos nos confortar e fortalecer em Deus.

Esse é um tempo propício para permanecermos em silêncio, reconhecendo que Deus reina. Porém, se nossas vozes se fizerem ouvir, que sejam para confessar que ele é o Senhor, e que seus julgamentos, apesar de misteriosos, são corretos — em agradecimento por sua fidelidade e bondade, que sempre acompanham seus golpes mais dolorosos, e em súplica fervorosa pelo nosso amado país, ainda em perigo e, talvez agora mais do que nunca, necessitando da graciosa intervenção do “Senhor dos Exércitos” e do “Deus de Jacó”. Acredito que, agindo assim, exprimiremos em perfeito uníssono os sentimentos da mais pura e autêntica expressão de apego nacional e, principalmente, nos identificaremos completamente com esses interesses, os quais o próprio Deus está considerando em toda essa longa e terrível luta.

Isso nos remete a Martinho Lutero, que, de todos os homens que já viveram, foi o que mais frequentemente buscou força e consolação sobrenaturais e, sempre que notícias desfavoráveis relacionadas à Reforma o atingiam, costumava dizer para aqueles ao seu redor: “Vamos entoar o Salmo 46”. Nisto está o segredo de sua força e de sua vida. Nisto sua alma encontrou o porto seguro durante os muitos dias de tormenta e tempestade, em que nem o sol, a lua ou estrelas apareceram nem sequer uma vez. Nisto os grandes em todos os tempos encontraram refúgio, força e auxílio em momentos de dificuldade. Se tivermos a sublime fé desse Salmo, também não temeremos, “ainda que a terra se mude, e ainda que os montes se projetem para o meio dos mares; ainda que as águas rujam e espumem, ainda que os montes se abalem pela sua braveza”.

Certamente ninguém hesitará em admitir que o momento exija tal confiança. A linguagem incisiva e figurativa com a qual o autor desse Salmo descreve os perigos que o ameaçavam — e também a Cidade de Deus, ou Jerusalém, a capital da Judeia — não é

tão audaciosa para se aplicar às circunstâncias atuais de nosso país. A atual revolução em pleno avanço, ou sendo superficialmente julgada pelo clamor e pelo protesto da multidão de combatentes e dos milhões de agitados expectadores interessados, ou por um exame profundo dos traços permanentes que deixará em toda a sociedade, apropriadamente descritos como o abalo dos montes sendo removidos e projetados para o meio dos mares, tem sobre si uma magnitude e importância que merece tal analogia. Temos atingido uma crise em nossa história nacional, em que não apenas os homens cristãos, mas todos os homens capazes de enxergar a disparidade entre a força humana e as agitações do mar turbulento dos assuntos nacionais devem saber e sentir, mesmo que talvez não possam se expressar completamente, que a nossa única segurança adequada está na presença do “Senhor dos Exércitos” entre nós, como nosso refúgio e fortaleza.

Não é meu costume expor atualidades no púlpito, ou dedicar parte do tempo consagrado à adoração a Deus para a discussão de medidas, mesmo as de extremo interesse nacional. Não tenho mais informações que me guiem na formação de um julgamento correto sobre tais assuntos do que o julgamento de qualquer outra pessoa, igualmente informada: e o púlpito não é o lugar para discussão de questões confusas que não possam se sujeitar à autoridade da palavra escrita. Ainda assim, seria apenas dissimulação não falar francamente sobre a nossa tristeza e perda nacional nesta ocasião. Esse é o fardo de cada coração e nos reunimos aqui para expressá-lo publicamente àquele que disse: “Lança o teu fardo sobre o Senhor, e ele te susterá”. Alguns dias atrás, cada um de nós ficou chocado e alarmado com o rumor de que o presidente Lincoln haveria morrido, atingido por um assassino. Esse é o tipo de rumor em que nos recusamos a acreditar. Nosso horror ao cogitar tal crime e a relutância instintiva para com possíveis consequências para o país, por causa de uma remoção tão súbita daquele que, por quatro memoráveis anos, foi o líder de nosso povo — ele, em quem confiaram quando a desconfiança atingiu quase todos os demais — trouxeram tanto terror às mentes de todos que tentamos desmentir esse horrível rumor.

No entanto, já não é mais possível duvidar. Foi provado que na noite de 14 de abril — um dia que, mais que todos, manchou profundamente, por meio de conspiração secreta, nossa vida nacional — o presidente Lincoln recebeu um golpe mortal de um assassino, e acredita-se que os efeitos desse golpe tenham causado sua morte no dia seguinte. Pelo menos se tem certeza de que os ferimentos recebidos foram tais que somente a

interposição divina poderia evitar seus efeitos mortais. Um atentado similar aconteceu contra a vida do secretário Seward, que na ocasião estava confinado ao seu leito por causa de uma enfermidade. Embora severamente ferido, se espera que nenhum dos ferimentos seja mortal e que a nação seja poupada desse duplo luto. Essas são as notícias que estão comovendo profundamente cada coração americano e que nos reuniram aqui hoje.

Qual é o significado? Quais são as lições que Deus quer nos ensinar por intermédio desta calamidade? Sabemos que nada acontece em vão no curso de sua providência. Estamos particularmente seguros que um evento de tamanha importância nacional tem o propósito de nos disciplinar ou punir como nação. Não devemos ser tolos diante de tal visitação. Até mesmo a reconhecida dificuldade de interpretar os atos de um Deus maravilhoso e operante não deve nos dissuadir de reverentemente buscar aprender e aproveitar as lições que ele quer nos ensinar. Exatamente nisso repousa uma parte importante da disciplina à qual ele nos submete nesta vida. Ele nos fala em sua Palavra, com toda a franqueza, que o verdadeiro caminho da vida é por meio de seu filho Jesus Cristo. Ele envia o seu Espírito a todos os humildes e dedicados estudantes da Palavra para selar suas verdades salvíficas no mais íntimo do coração. Essas verdades modelam o constante tema do púlpito. Elas vêm com autoridade, desafiando todos os homens a crerem no nome daquele que é o caminho, a verdade e a vida. Aquele que tem ouvidos para ouvir é ordenado a ouvir e viver. Aquele que não ouve ou não acredita demonstra melancolicamente que a verdade não está nele. Porém, além da voz da palavra escrita, clara e infalível em seus ensinamentos, Deus fala conosco quase diariamente por meio de sua providência em nosso favor como indivíduos e como pessoas conectadas umas as outras, que formam uma comunidade ou uma grande nação. A voz de Deus ouvida em suas ações providenciais se parece muito com a voz que fala nas porções proféticas da palavra escrita. Geralmente o significado é propositalmente obscuro. Apesar disso sempre haverá um significado profundo e importante, que o próprio Deus tornará claro no devido tempo. Deus frequentemente será seu único e próprio intérprete, tornando clara a circunstância que o impotente senso do homem havia julgado inextricavelmente confusa. Ele nos ensinará por meio da disciplina da espera paciente. Ele incutirá em nós a profícua lição que Santo Agostinho ensinou quando disse: “Vamos admitir que Deus pode fazer algumas coisas que não podemos entender”.

Sim, ainda é verdade que Deus fala conosco em sua providência, e que ele tenciona ser ouvido. Isso é ensinado pela experiência individual cristã. Nenhum cristão que anda pela fé tem alguma dúvida sobre esse assunto; ao mesmo tempo, poucos se animam a reivindicar a infalibilidade de suas interpretações dos propósitos da providência de Deus. O rumo seguro, ativamente seguido por cada cristão devidamente consciente da sua proximidade de Deus e dos mistérios de seus feitos evita, por um lado, toda a indiferença com relação às circunstâncias da providência de Deus, já que tal indiferença é simplesmente um ateísmo conveniente. Por outro lado, evita também o erro perigoso dos entusiastas tolos que creem ser tão sábios quanto o próprio Deus. Se nesse espírito buscarmos beneficiar-nos dos ensinamentos da providência de Deus em nosso sofrimento atual, nossos erros se revelarão inofensivos e nossos corações serão confortados pelas consolações da Palavra de Deus, que não são poucas nem insignificantes.

Porém, primeiro, vamos lamentar este grande luto nacional, pois todos nós percebemos que possui tal dimensão. Posso, com toda sinceridade, comparar nossas circunstâncias atuais com a lamentação do rei Davi sobre o corpo de Abner, assassinado justamente quando a guerra entre Israel e Judá havia cessado devido à união dos dois territórios sob a liderança de seu rei ungido e justo. “Não sabeis vocês”, disse o rei Davi aos seus servos, “que hoje caiu em Israel um príncipe, um grande homem?”. A história complementa: “O rei levantou sua voz e chorou no sepulcro de Abner, e todo o povo chorou”. As lágrimas da nação são agora derramadas por causa do presidente Lincoln. Se o desaguar de lágrimas puder manter verde a grama que agora cobre o seu lugar de descanso, o verdor será seu traje, mesmo que aquele lugar seja como as montanhas de Gilboa, onde Saul e Jônatas caíram — sem o desaguar do orvalho ou as chuvas do céu. Não é uma profecia dizer que aquele marco, seja ele onde for, se tornará um lugar de peregrinação e que lá, assim como em Mount Vernon,[1] todos receberão uma inspiração plena de um patriotismo altruísta, e mais uma vez decidirão nunca abandonar sua fé em Deus ou trair a República.

Outros discorrerão sobre a vida e o caráter de Abraham Lincoln. É desnecessário que eu o faça. Acredito que ele já é compreendido por todos que desejam compreendê-lo. Suas

[1] Palácio onde morava George Washington (N.T.).

imperfeições são especialmente conhecidas pelo mundo todo. Suas virtudes são conhecidas pela multidão daqueles a favor de quem ele trabalhou e morreu. Estou confiante que o lapso de tempo não trará nenhuma reversão do veredicto popular, pois o povo sempre compreendeu o presidente Lincoln e confiou nele. O povo lamentará sua perda, pois as pessoas sempre tiveram consciência de que ele as entendia, e o consideravam como o protetor de suas garantias, para as futuras gerações, das liberdades, imunidades e bênçãos dos cidadãos dos Estados Unidos da América. Ninguém pode dizer que ele traiu sua confiança até a hora fatal em que foi levado à morte pelas mãos de um assassino. E a América nunca perderá a alta posição que ganhou entre as nações, desde que homens com o mesmo compromisso de Abraham Lincoln sejam vistos cuidando dos bosques e cultivando os largos campos da América, satisfeitos com os prazeres singelos da vida doméstica, mas ainda assim prontos ao serem chamados por seu país para ocupar qualquer posição de serviço honroso, e enfrentar qualquer coisa para preservar o bem sagrado da vida e da liberdade da nação. Aqui está nossa verdadeira força e glória nacional. Elas não se encontram, como muitos tolamente imaginam, nas perfeições ostentadas de nosso governo e Constituição. Esse tipo de perfeição não faz parte de nossas instituições ou forma de governo, e se a moralidade e a virtude nacional forem lentamente enfraquecidas num longo processo, infelizmente já em curso — a propagação da corrupção desde a classe de nossos homens públicos sem princípios, passando pelos indivíduos e alcançando a grande massa da nação —, a força nacional desaparecerá e a República se tornará decadente, sem uma única mancha ou falha sobre sua constituição. Se esse processo não for examinado — se os políticos se tornarem sinônimo de desonestidade e trapaça, e a moralidade nacional for oferecida como um holocausto pela ambição e ganância daqueles que aspiram ao cargo —, então que Deus nos dê sabedoria e graça para nos submetermos a algum braço e vontade fortes o suficiente para rasgar a Constituição em milhares de fragmentos, pois ela foi criada para um povo preparado para ser livre. Seus autores nunca planejaram que ela durasse mais tempo que as virtudes da nação. O ideal dos homens do passado, que descreveram esse mundo, tão cheio de beleza, ordem e infinitas adaptações, como um agrupamento fortuito de átomos que se revolvem no espaço não será mais sem fundamento do que o sonho de liberdade, ordem ou bem-estar na República dos Estados Unidos, quando a integridade vivaz e a moralidade já não caracterizarem seu povo. Neste caso os próprios recursos materiais da nação vão agravar de tal forma a fatalidade de seu exemplo e influência que logo algum poder será levantado por Deus para abater

esse grande tormento e para estabelecer um governo de força física sobre as ruínas da República de Washington.

Espera-se que a carreira de Abraham Lincoln e a memória de sua pureza moral e integridade política reprovem a degradação e corrupção dos tempos, e advirtam o povo a nunca colocar sua confiança pública em homens que não mantêm uma fé privada. Uma lição que temos aprendido por meio das muitas experiências dolorosas dos últimos quatro anos, e agora imposta sobre nós pela sabedoria recém-recebida, é o valor da vontade individual de cada homem para o bem-estar público. Agora parece provável que a vontade individual e o julgamento de relativamente poucos homens deram direção e caráter a uma luta de magnitude sem precedentes, na qual os combatentes foram milhões. A história ensina a mesma lição. A história do mundo nada mais é do que uma biografia de relativamente poucos indivíduos. Todos os grandes eventos e revoluções naturalmente se agrupam ao redor de alguns poucos nomes históricos. Mesmo em tempos de quietude e paz, isso é esquecido ou ignorado. Essa lição precisava ser ensinada ao povo dos Estados Unidos. Parecia haver abundância de grandes homens e grandes estadistas. Sem um sistema cego de rodízio de cargos, que removia igualmente o bom e o ruim, geralmente promovendo o ruim e o pior, era difícil encontrar cargos apropriados para todos os que estavam qualificados para preenchê-los. Exercer a função política de estadista se tornou rapidamente impossível devido à ignorância do povo, que permitiu que funcionários públicos fiéis e capazes fossem depostos por homens indignos de confiança. A busca presunçosa pela simpatia popular foi aceita como virtude, e era quase certo que mais cedo ou mais tarde seria recompensada. Os talentos superiores tornavam seu possuidor inimigo dos homens medíocres, e a unida e persistente oposição desses homens raramente falhava em minar suas expectativas de promoção superior.

Porém, o dia do julgamento chegou. A tempestade golpeou o navio do Estado e quase fez uma limpeza de seus homens públicos. Poucos provaram ser ao mesmo tempo honestos e capazes de preencher por completo a extensão dos requisitos nacionais; e, nos dias de hoje, se não me engano, todos que verdadeiramente amam seu país sentem muito por aqueles que foram fiéis e capazes — uma afeição por nossos homens públicos nunca antes sentida. Não temos ninguém para poupar. Esse sentimento de perigo temido pelo país foi o que tanto assustou a todos, quando se ouviu pela primeira vez o rumor de

que o presidente Lincoln e seu secretário chefe haviam sido assassinados. A perda nacional, até mais do que o horror por tal crime hediondo, empalideceu o rosto dos homens. Se for possível que tal feito tenha trazido satisfação a alguém é por ter alimentado a esperança de que a salvação da União dependia da vida desses dois homens. Que bom seria que a nação aprendesse a valorizar o mérito verdadeiro, a sustentar a reputação de nossos homens públicos, a recompensar seu serviço com honrável autonomia enquanto vivessem, e que, quando morressem, pagasse o devido tributo de gratidão e afeição a sua memória, que nas mentes de toda a juventude ingênua é o incentivo mais nobre e poderoso para os grandes feitos no serviço ao seu país. Já ouvi tanta injúria contra os homens públicos e difamações generalizadas de caráter que é até agradável participar das lágrimas da nação sobre o sepulcro de um compatriota morto, como somos chamados a fazer nos dias de hoje. Que Deus garanta que esse senso de perda, sentido pela nação quando um único homem é removido repentinamente, venha a ter um efeito duradouro e salutar sobre todos os nossos compatriotas.

A principal verdade que precisamos aprender, que tanto as nações quanto os indivíduos têm tanta facilidade em esquecer, é que Deus é o “refúgio e fortaleza” das nações e também dos indivíduos. Seus melhores presentes não podem ser possuídos e desfrutados por muito tempo porque corremos o risco de esquecer o doador, em nossa satisfação com o presente. O orgulho talvez seja nosso maior pecado nacional. Ele está profundamente entranhado em nós, como o tutano em nossos ossos. Salomão disse: “Ainda que moa o insensato, como trigo no pilão, a insensatez não se apartará dele”.

Sob a perspectiva divina, nossa insensatez é a autoestima em um grau desordenado. Se Deus não tivesse nos pisado no pilão por quatro longos anos, nossa insensatez não teria se apartado de nós. Talvez na mesma hora em que veio essa tempestade a nação estivesse atordoada com a autoexaltação e a autoglorificação. Agora, se Deus tem uma disputa conosco a esse respeito — se ele deve ser exaltado por nós como povo —, devemos confessar e nos arrepender desse pecado e dessa insensatez. Se nossa vida nacional e nossas esperanças atingem o ponto mais alto nesse dia é porque Deus tem sido nossa ajuda e fortaleza em meio às dificuldades. Quando numerosas e amargas derrotas nos atingem, frequentemente não estamos prontos para experimentar nossa dependência dele! Quando um perigo já está quase vencido, outro aparece, e por meio

dele somos admoestados que alguma parte vulnerável sempre estará exposta — em tempo de paz ou de guerra, somente Deus é nosso escudo e fortaleza. Seu propósito permanecerá firme e a única segurança para os interesses humanos é identificá-los com os interesses superiores do reino de Cristo. Esses, e somente esses, estão assegurados por um pacto que não pode ser desfeito. Nossa nação e nossas atuais instituições permanecerão, contanto que estejam em harmonia com os interesses do reino de Cristo — o único que permanecerá para sempre — e a ele subordinadas. Enquanto a história bíblica e inspirada acontece paralelamente à história profana, somos claramente informados que as fortunas dos impérios são determinadas por sua relação com o povo escolhido de Deus. Desde os tempos dos apóstolos, perdeu-se a chave de interpretação, sem perigo de engano, do propósito de Deus com relação a seu povo e ao mundo. Ainda assim é verdade que o destino dos modernos impérios e repúblicas é determinado por sua relação com os interesses da verdadeira Igreja de Cristo — como sempre foi com os antigos impérios que agora estão em ruínas. Ninguém que realmente acredite em revelação pode duvidar disso. Nada é seguro e estável, a não ser por um decreto de Deus e por sua própria preservação. Nenhuma nação ou forma de governo tem promessa semelhante de permanência. Esta glória é exclusiva da verdadeira Igreja de Cristo. Com respeito ao reino espiritual, do qual Cristo é o cabeça, Deus falou: “Se puderdes invalidar o meu pacto com o dia, e o meu pacto com a noite, de tal modo que não haja dia e noite a seu tempo, também se poderá invalidar o meu pacto com Davi, meu servo, para que não tenha filho que reine no seu trono” (Jr 38.20-21). É somente em referência às conquistas do reino de Cristo que Deus jura por si mesmo, dizendo: “Já saiu da minha boca a palavra de justiça, e não tornará atrás. Diante de mim se dobrará todo joelho, e jurará toda língua”. O mesmo pensamento é estabelecido adiante neste Salmo. A glória de Jerusalém era que Deus estava no meio dela. Enquanto fosse assim, mesmo que as nações bramassem e os reinos se abalassem, o autor desse Salmo seria sustentado pela sublime confiança de que Deus preservaria Jerusalém, sua cidade e seu trono entre os homens. Temos justificativas para alimentarmos essa esperança e confiança para com nosso país, dizendo que “Deus está no meio dele” e que ele será nosso refúgio e fortaleza? Não sejamos presunçosos; ainda assim, pesemos alguns fatos da nossa história. A América foi estabelecida e povoada por homens dos quais a Europa não era digna. Eram homens que voluntariamente escolheram adorar a Deus na solidão em vez de brilhar nas cortes reais. A Escócia, a Holanda, a França e a Inglaterra enviaram seus filhos mais obstinados ao Novo Mundo e eles tomaram posse dele no nome de Deus e

da liberdade de consciência para adorá-lo, de acordo com sua palavra. A maioria das nossas instituições foi fundada por homens profundamente religiosos, e seu crescimento e desenvolvimento foram promovidos especialmente por tais homens até o dia de hoje. Assim que, todos os nossos interesses religiosos, nos quais não é permitida interferência do governo, são invejosamente vigiados. Os interesses da religião e educação são confiados ao povo. De todas as inovações do governo dos Estados Unidos, a separação absoluta entre Igreja e Estado é a mais impressionante. Agora é possível declarar que seguramente pode ser atribuída ao povo a responsabilidade por esses interesses preciosos. A construção de igrejas, instituições de nível superior e escolas tem acompanhado o crescimento do país, a despeito de esse crescimento ter excedido todas as estimativas humanas. Quase todas as instituições de ensino são inquestionavelmente religiosas em sua influência. O evangelho é pregado com liberdade e poder na maioria dos púlpitos da nação. A pureza e a disciplina da Igreja são mantidas, pois nenhuma ordem do poder civil pode interferir em sua liberdade de ação. E nos dias de hoje, quando é raro que uma nação da Europa não esteja inquieta por causa dos conflitos recorrentes e constantes entre a ação da Igreja e o poder civil, em nosso meio cada um desses poderes age livremente em sua esfera prescrita sem perigo de conflito. Provavelmente, é devido a essa liberdade de ação que a Igreja da América tem sido sempre cheia de vida, energia e entusiasmo. A Igreja americana felizmente não herdou a frieza do Estado e nunca deixou de se regozijar com a alegria e a satisfação de suas primeiras uniões. Os preciosos reavivamentos da religião estão acontecendo quase que continuamente. Apesar da vasta influência da imigração, agora infelizmente infiel e imoral em seu caráter e influência, e da vasta extensão do novo território a ser ocupado ano a ano dentro de suas fronteiras, a Igreja da América tem enviado seus missionários por todo o mundo. A pressão dos tempos não tem, até onde eu saiba, trazido de volta nenhum deles, enquanto uma série de reforços tem sido enviada. Nessas considerações há muitas coisas que garantem uma interpretação favorável do propósito de Deus em relação ao nosso país e a confiante convicção de que, pela própria causa do seu nome, ele nos preservará.

Não há nada nos últimos acontecimentos que contradiga esse ponto de vista. Certamente nenhum homem que não desperdiçou riqueza material, extensão de território e poder físico, e que experimente progresso real em substancial prosperidade, poderá deixar de ver que, recentemente, esse progresso e prosperidade são superficiais e falsos. Não

entrarei em detalhes. Se cada um, por si mesmo, revir o passado e assinalar a direção na qual tudo se inclinava, encontrará pouca dificuldade em interpretar tudo o que tem acontecido a nós como sendo uma correção severa para nosso aperfeiçoamento, e não um julgamento para nossa destruição. O mal era tão gigantesco que era necessário um remédio forte. Talvez a nação deva ainda aguardar novas provações e dificuldades. Ninguém pode se aventurar em afirmar que elas não são necessárias como disciplina, para desenvolver virtudes sólidas, o único fundamento para a verdadeira prosperidade. A experiência é a única escola na qual as reais virtudes nacionais são desenvolvidas e as severas punições de Deus são sempre bênçãos disfarçadas.

Como indivíduos nosso dever está claro. Embora em terra estrangeira e devendo obediência às suas leis, nossa lealdade ainda é para com a terra do nosso nascimento.

Mesmo observando à distância e com forte interesse o curso dos assuntos nacionais, podemos nos identificar com nossos compatriotas em casa, ao fortalecer sua honra e seus interesses no exterior, ao nos inclinarmos juntamente com eles diante de Deus em súplicas fervorosas por bênçãos sobre nosso país, nossos governantes e nossas instituições, e ao chorar com eles a morte prematura do chefe magistrado, que, em tempos de grandes dificuldades enfrentadas pelos homens, foi fiel à confiança nele depositada por seu povo e, como ele mesmo sem dúvida acreditava, pelo Deus das nações. Ao deixar os cidadãos e os vizinhos em Springfield para assumir as responsabilidades de seu cargo, pediu que orassem por ele, para que pudesse receber graça e força do alto para exercer seu dever. Em todos os tempos, ele reconheceu, em público e em privado, a mão de Deus em nossos interesses e buscou sua direção. Sua última mensagem pública expressa essa mesma fé. Ninguém, a não ser que seja cheio de obstinado preconceito, acreditará que o presidente Lincoln tenha sido insincero ou hipócrita. Agora que ele se foi ao seu descanso e recompensa, vamos invocar a mesma proteção e direção por aqueles que assumirão suas grandes responsabilidades. Sejamos fortes na fé sublime do inspirado Salmo. Asseguremo-nos que Deus é o nosso refúgio e fortaleza. Aquietemo-nos sob os feitos de sua providência, cujo mistério desconcerta nossa interpretação, e aprendamos que Deus é o Senhor e que todos os seus atos são bons e justos.

(Impresso por George Leuzinger, no Rio de Janeiro, em 1865. Traduzido por Katia Ferreira.)